

CARRETEL

FUNDAÇÃO IBERÊ

#5

VERÃO
2021

#04

Tudo vem do nosso pátio:
a técnica da gravura e
experiências compartilhadas

#06

Tapeçarias e cerâmicas
de Iberê Camargo em
exposição inédita

#10

Pardo é Papel: A arte
como ascensão e
tomada de poder

+

Álvaro Siza + Fernanda Montenegro
Nathalia Timberg + Hamilton de Holanda
Carnaval 2020 + Leilão da Fundação

Os últimos dois anos foram de muitos recomeços para a Fundação Iberê. Primeiro, reabrindo suas portas durante a semana e aproximando-se ainda mais da orla do Guaíba. O segundo grande marco foi o início de um ciclo de exposição de nomes internacionais, como: Louise Bourgeois, Cecily Brown, Wesley Duke Lee, Daniel Senise, José Bechara e Grupo de Bagé.

Para 2020 não tínhamos somente planejamento, os sonhos pareciam reais. No dia 8 de março, a obra de Iberê Camargo seria imortalizada na avenida com a Imperadores do Samba, no mesmo dia em que mantenedores da Fundação receberiam a atriz Fernanda Montenegro e o músico Hamilton de Holanda para uma noite de releitura de textos do pintor.

Por orientação médica e devido às notícias dos primeiros casos de coronavírus no Brasil, Fernanda cancelou sua apresentação. Ela, então, pediu à sua grande amiga **Nathalia Timberg**, que já estava em Porto Alegre em cartaz com o espetáculo "Através da Iris", que a substituisse. Foi lindo!

Uma semana depois, as portas de residências e espaços culturais de todo o país se fecharam. Quando um vírus invisível mostra a sua capacidade de paralisar um planeta, vem o medo e a insegurança, momento em que é preciso respirar fundo, analisar o presente e criar um futuro com esperança ativa e comunhão.

Apesar de tudo, o isolamento social aproximou ainda mais a Fundação Iberê da sociedade. Atravessamos fronteiras; em sete meses as atividades virtuais reuniram mais de 47,2 mil pessoas em 25 oficinas de desenho, pintura, escrita criativa e de memórias registradas neste livro. Também envolveu mais de 44,4 mil pessoas de várias partes do mundo em lives.

Agora estamos de volta e mais fortes com três exposições: **O Fio de Ariadne**, **Tudo vem do nosso pátio** e **Pardo é Papel**, do carioca Maxwell Alexandre, um jovem artista da Rocinha que tem grande capacidade de atrair jovens de outras linguagens e consegue aglutinar as forças e todas as novas experiências da nova geração que são o futuro do Brasil.

E para fechar um ano de superação, todo o conhecimento e lucidez de uma das pessoas mais importante da arte brasileira: **Fernanda Montenegro**. Aos 91 anos, ela trocou os palcos e os sets de gravação pelo isolamento na casa da família em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, poucos dias após declinar do convite de vir a Porto Alegre.

Esta edição da Carretel traz uma entrevista exclusiva com Dona Fernanda, que se reinventa e nos traz reflexões. Como ela mesma diz: "Se você exerce a sua vocação, metade da sua vida está resolvida".

Boa leitura!



Fundação Iberê

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Beatriz Bier Johannpeter
Fernando Antônio Lucchese
Fernando Luís Schüller
Hermes Gazzola
Jayme Sirotsky
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Nelson Pacheco Sirotsky
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Antônio Augusto Pinent Tigre
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Carlos Cesar Pilla
Daniel Skowronsky
Ingrid de Kroes
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Domingues Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

Secretária Executiva

Luciane Zwetsch

Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais

Arthur Marques

José Kalil

Programa Educativo

Lêda Fonseca, *consultoria pedagógica*

Larissa Fauri, *coordenação*

Carolina Kneipp, Gabriel Farias e

Kailã Isaías, *mediação*

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles

Guilherme Collovini, *assistente*

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Gestão do site e TI

Machado TI

Produção

Thiago Araujo

Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto, *consultor*

Arnaldo Henrique Michel

Jonathas Rosa dos Anjos, *assistente*

Receptivo

Henrique Ferrari

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emilio Kalil

Roberta Amaral

Projeto Gráfico e

Diagramação

POMO estúdio

Educação e cultura no universo online

EDUCATIVO



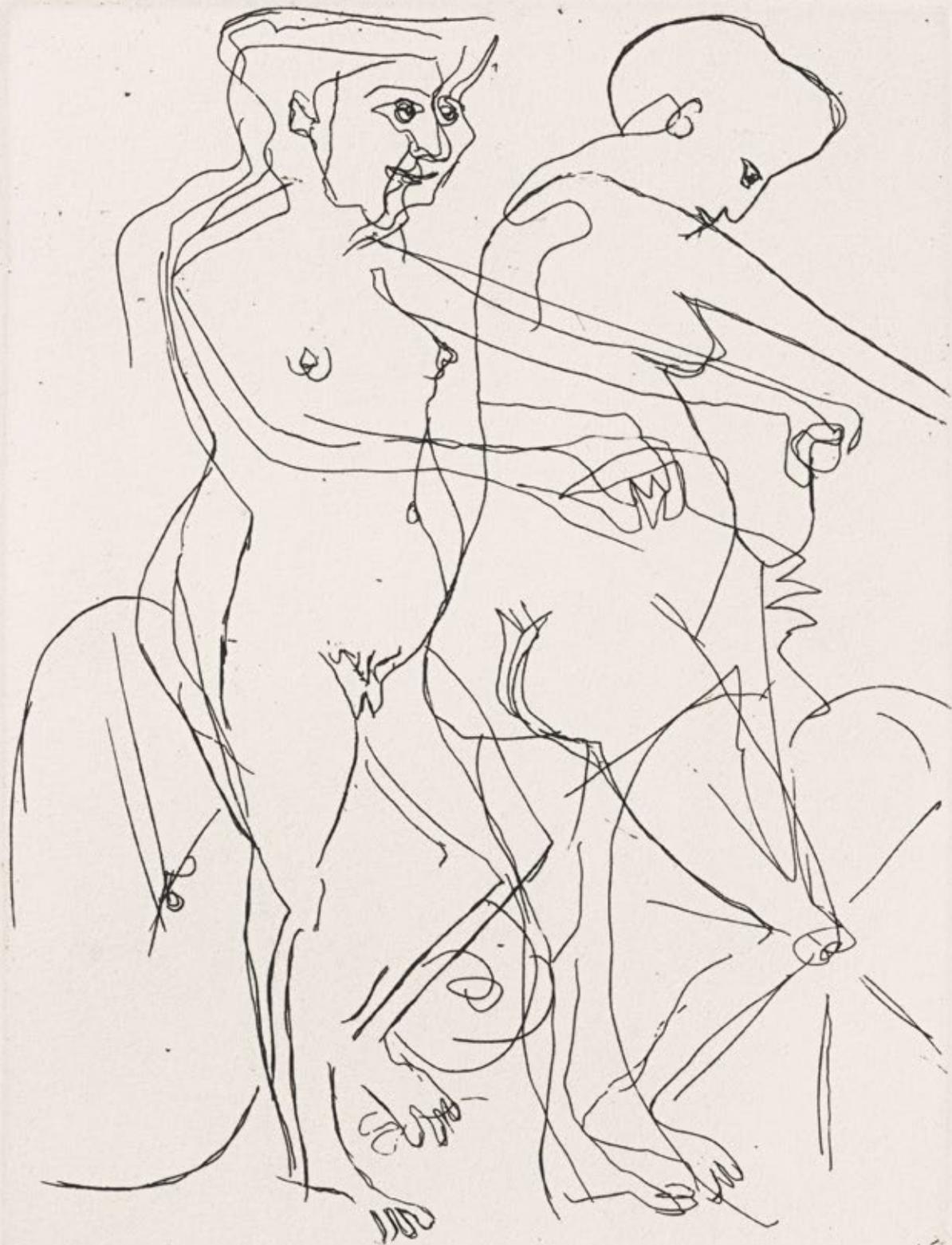
A educação pede contato. Encontro, olho no olho, escuta atenta. Em um ano de isolamento social, como preservar valores tão fundamentais como estes?

Movidos pelo desafio de criar atividades à distância, o Programa Educativo da Fundação Iberê se reinventou e criou pontes para além de seus muros. Atravessar os limites físicos do prédio foi uma surpresa muito agradável que as atividades online apresentaram. De Portugal, Nova Zelândia, Recife, interior de São Paulo ou extremo sul do Rio Grande do Sul, as oficinas adentraram casas de diferentes sotaques e climas.

Partilhar as tardes, noites e até finais de semana em um momento de intenso isolamento social criou um sentimento diferente; dividir um pouco de suas casas trouxe o contato físico que parecia coisa do passado. Participaram das chamadas não somente as pessoas que se inscreviam, mas também animais de estimação, crianças pequenas e, às vezes, até mesmo os demais membros das famílias. O olho no olho e falar sobre si se transformaram em um visitar-se.

A investigação de formatos que funcionassem e aproximassem as pessoas entre si foi a metodologia que guiou todas as atividades. Os arte-educadores do Programa Educativo desdobraram as atividades executadas presencialmente e retomaram os conceitos mais importantes para construir junto aos participantes ações que fizessem sentido ao tempo de hoje. Assim, os conceitos de experimentação, espaço e corpo foram os principais guias das propostas, que não se limitaram às artes visuais: da escrita criativa, fotografia, performance, desenho e pintura, até livro surgiu e os professores trocaram o auditório pela live nos Encontros de Educadores. Foram mais de 28 propostas e mais de 50 mil pessoas atingidas.

Após tantos mergulhos pedagógicos, artísticos e reflexivos, quais são as certezas que acompanharão o trabalho educativo do setor que carrega este nome na Fundação Iberê? Sandra Aranha, participante ativa das oficinas online, conta emocionada aquilo que realmente importa, a própria transformação: “É surreal estar com tantos, em tantos lugares, ao mesmo tempo, partilhando fragmentos do cotidiano, corrigindo provas, cuidando de netos, segurando crianças cheias de energia, comendo, tomando chimarrão, chá, café, lavando louça, conferindo mensagens, atendendo a campainha, terminando relatórios, deitar, sentar, rolar no sofá, se entediar, se emocionar, rir, brigar, chorar, se expor, cuidar. E permeando todas essas vidas o processo de criação artística se estabelecendo junto, gestando possibilidades, projetos, ousando experimentos, trabalhos e presságios de futuras e novas concepções.”



PA II

Whitman
91



Eduardo Haesbaert na reabertura da Fundação Iberê. Foto: Agência Preview ▲

Gravura, uma experiência compartilhada

A gravura esteve presente na obra de Iberê Camargo (1914-1994) desde os anos 1940, quando ele teve seus primeiros ensinamentos no Rio de Janeiro e em Roma. Seguiu aprimorando e atualizando procedimentos e técnicas de gravura em metal, atingindo o auge de seu rigor experimental e formal nos anos 1960 com cruzamentos de diferentes técnicas chegando a um gestual corrosivo em ácido fortemente marcado e volumoso. Nesse período chegava a furar a chapa de cobre tamanha corrosão.

Iberê retomou a gravura em 1990, ano em que eu fui trabalhar com ele como impressor e assistente. No nosso primeiro encontro ele estava me aguardando em frente à sua casa-ateliê olhando no relógio, testando minha pontualidade. Cheguei na hora marcada. Tocou a palma da minha mão para sentir se havia suor, pois na impressão “a palmo”, quando a cópia resulta limpa e precisa, na mão não pode haver umidade. Minha mão estava seca, passei no primeiro teste. Depois fiz a impressão no seu ateliê de gravura, amplo, bem planejado e equipado com materiais, equipamentos e ferramentas da melhor qualidade, como a excelente prensa alemã que hoje se encontra em funcionamento no Ateliê de Gravura da Fundação Iberê.

A primeira cópia “a palmo” revelou todos os detalhes da linha e da mancha, ficou tudo no lugar certo. Logo veio seu convite para começarmos o trabalho por meio de um bilhete escrito por ele mesmo, colocado embaixo da porta de entrada do meu ateliê.

Nos quatro anos que trabalhei e convivi com Iberê, ele produziu muito. Já estava com câncer, não tinha tempo a perder, trabalhava intensamente intercalando gravura e pintura. Diariamente, eu preparava as chapas de cobre no ateliê de gravura e as levava ao andar de cima, no ateliê de pintura, onde ele produzia obras de grande formato da série “Tudo te é falso e inútil”. A partir da mesma modelo-personagem da série de pinturas, ele desenhava na chapa de cobre e eu descia para gravar e depois imprimir. As gravuras desse período foram realizadas na técnica de água-forte e água-tinta.

Desde então sigo meu ofício no Ateliê de Gravura do Iberê, antes com ele e depois com alunos e artistas do projeto Artista Convidado do Ateliê de Gravura da Fundação Iberê, em forma de residência, onde artistas produzem em diferentes técnicas para tradução de suas poéticas. Segue vivo o pensamento, a troca, a revelação e a impressão de obras a partir da experiência com a gravura em metal. Uma experiência compartilhada.

Eduardo Haesbaert
coordenador do Ateliê de
Gravura da Fundação Iberê

SERVIÇO

De 19 de setembro de 2020
a 24 de janeiro de 2021
Ingressos pelo Sympla
<https://bit.ly/32DwAPi>
Sextas a domingos,
das 14h às 18h



O Fio de Ariadne Iberê Camargo



Denise Mattar na abertura da exposição. Foto: Agência Preview ▲

As cores e perfumes ocultos em “O Fio de Ariadne”

As palavras não são suficientes para descrever a emoção que senti ao inaugurar a exposição **Iberê Camargo - O Fio de Ariadne**. Foi minha primeira viagem desde o início da pandemia, em março, e mal posso descrever a sensação de ver à minha frente, pronta e linda, a mostra que eu e Gustavo Possamai vimos escapar de nossas mãos - a um passo da abertura.

O adiantamento forçado revestiu de particular encanto essa inauguração, seis meses depois do previsto. Que maravilha poder estar frente aos “murais nômades” de Iberê Camargo, as tapeçarias executadas com magia por Maria Angela Magalhães. Sentir suas cores, ora densas, ora luminosas; perceber as mesclas de lã, linha, seda e sisal; observar o sábio uso dos diferentes pontos de bordado: arraiolo, haste, corrido, brasileirinho. Poder, enfim, vivenciar a beleza dessas transcrições, não mais numa tela, mas na minha frente, em pessoa. Que delícia poder receber Marianita Linck e apreciar com ela as cerâmicas de Iberê. Que impacto ver a linha do tempo se desenrolar e ouvir as vozes de Ariadne ecoando no labirinto de Álvaro Siza.

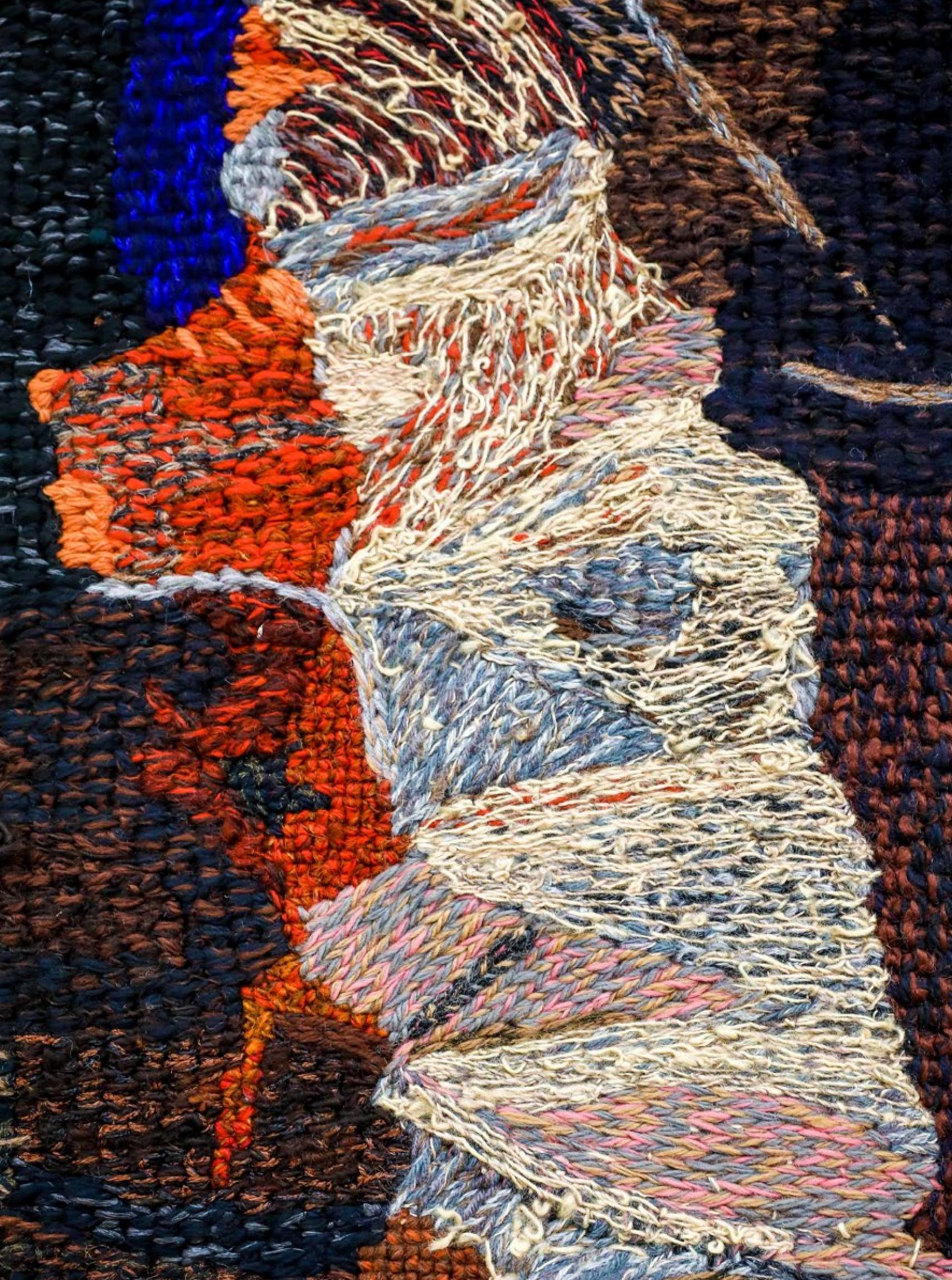
Há que observar que a pandemia trouxe uma alteração conceitual para o projeto que seria apresentado paralelamente à realização da Bienal do Mercosul. A conjuntura feminina que permeou a produção de tapeçarias e cerâmicas tinha grande afinidade com o conceito da 12ª Bienal, infelizmente deslocada para o ambiente virtual. Mas, embora seja impossível não lamentar essa circunstância, podemos dizer que a exposição sobreviveu bem à falta do diálogo que prevíamos.

E, dentro da adversidade, que sorte foi termos começado nosso projeto pelos depoimentos, pois se os empréstimos foram suspensos e depois retomados, o mesmo não teria sido possível com os entrevistados!

O Fio de Ariadne ultrapassou muito sua proposta inicial e a conjuntura de sua realização a tornou única na minha carreira como curadora. Uma exposição que foi se construindo em camadas, revelando cores e perfumes ocultos, adensados pelas circunstâncias extraordinárias que ainda estamos vivendo.

Denise Mattar
curadora







Maxwell Alexandre na Fundação Iberê. Foto: Vitoria Proença ▲

A arte como ascensão e tomada de poder

*Maxwell Alexandre
traz para a
Fundação Iberê
sua exposição
Pardo é Papel*

Em maio de 2017, num desses dias de ateliê em que você vai sem saber muito o que fazer, eu pintei três autorretratos em folhas de papel pardo que estavam perdidas por ali. No dia seguinte, quando olhei as pinturas penduradas na parede, percebi que realmente havia uma sedução estética muito potente, mas somente quando fui fazer a quarta pintura me dei conta do ato político e conceitual que eu estava articulando ao pintar corpos negros sobre papel pardo, uma vez que a cor parda foi usada durante muito tempo para velar a negritude.

A designação “pardo” encontrada nas certidões de nascimento, em currículos e carteiras de identidade de negros do passado foi necessária para o processo de redenção – em outras palavras, de clareamento – da nossa raça. Porém, nos dias de hoje, com o crescimento dos debates, a tomada de consciência e reivindicações das minorias, os negros passaram a projetar sua voz, a se entender e se orgulhar, assumindo seu nariz, seu cabelo e construindo sua autoestima por enaltecimento do que se é, de si mesmo. Esse fenômeno é tão forte e relevante que o termo “pardo” ganhou uma conotação pejorativa dentro dos coletivos negros. Dizer a um negro hoje que ele é moreno ou pardo pode ser um grande problema.

A pintura é um lugar em que posso manipular essas marcas que são entidades e moldam as vidas das pessoas, ditam comportamentos, se impõem e invadem histórias e intimidades. Mas no campo fictício da arte, essas estão sujeitas ao artista, que tem o poder de gerar novos questionamentos simplesmente deslocando-as para o plano pictórico, atribuindo-lhe um novo tempo e espaço. Junto disso eu contava com um acervo pessoal de fotos de álbuns de família, imagens das redes sociais, de famosos e até publicitárias para construir um léxico que me permitisse elaborar cenários reais e especulativos.



Pós-Carpintaria, quando voltei para o estúdio para retomar a série Pardo é Papel, achei pertinente assumir esse formato de pintura monumental, para intensificar o diálogo entre a quantidade de papel articulada e o número de corpos pretos em posições contemporâneas de poder. Eu queria densidade e contraste entre essas duas informações, corpo negro e papel pardo, por isso decidi seguir com pinturas de grande formato. Eu queria que as pessoas sentissem a presença do papel. A própria maneira de instalar as obras ajuda nesse sentido. Queria que as fitas e os rasgos ficassem evidentes; a fragilidade das obras era importante para a poética do trabalho.

A primeira vez que mostrei essas pinturas foi no Complexo Esportivo da Rocinha, onde tive meu primeiro ateliê. Foi um período intenso, em que cumpri mais de 15 horas diárias de trabalho para produzir as 12 primeiras grandes obras da série Pardo é Papel. No dia 3 de março de 2018, ofereci as pinturas em meu 2° Dízimo, um ritual em que o artista simbolicamente apresenta 10% de sua produção no altar-espaço. O culto faz parte de um programa de uma Igreja que criei em comunhão com outros artistas: A Noiva, também conhecida como Igreja do Reino da Arte.

Sem equipe de montagem ou suporte institucional, eu e a Igreja começamos a suspender as grandes folhas de papel às 8 horas da manhã. Às 3 da tarde, horário previsto para o início do culto, estávamos longe de terminar a montagem. Nesse momento, uma questão importante da Igreja se validou: o processo de subida das obras sob a ideia de peregrinação ou sacrifício. Não só os membros da Igreja mas todo o público que chegava, iam se inteirando em ajudar a instalar os trabalhos ou resolver qualquer outro tipo de problema. Não era uma abertura de exposição ou vernissage para socializar e contemplar pinturas. Tratava-se de um ritual no qual a montagem era parte divina da entrega também. Ali deu para ver que essa era uma exposição monumental, feita mesmo para grandes museus e espaços institucionais. Isso reforçou ainda mais minha ambição de ver essa série como uma exposição itinerante viajando de cidade em cidade, de museu em museu.

O Dízimo no Complexo Esportivo foi marcante por ter sido a ocasião em que me aproximei e acabei fechando a parceria com a A Gentil Carioca, a galeria que vem me apoiando e representando desde então. Somente um ano depois, em março de 2019, tive a chance de fazer pela primeira vez a exposição institucional de Pardo é Papel, no MAC Lyon (Museu de Arte Contemporânea de Lyon), na França.

A oportunidade veio graças ao convite do curador francês Matthieu Lelièvre, que acreditou no trabalho quando viu uma pintura da série, Um cigarro e a vida pela janela, na SP Arte, ocupando toda a parede externa do estande da A Gentil Carioca. A pintura foi adquirida pela Pinacoteca de São Paulo naquele mesmo dia. O show em Lyon iniciou a itinerância da mostra, que já passou pelo MAR (Museu de Arte do Rio), e que agora passa pela Fundação Iberê.

A arte é um celeiro de cultura. Chamar a atenção da comunidade preta para esse campo é uma estratégia profética de ascensão e tomada de poder. Se inteirar dos códigos é uma maneira de começarmos a ocupar parte decisiva na construção da história. Hoje eu ocupo uma posição de poder nesse jogo como um artista que pode criar mundos possíveis, que vão ser selados por esse sistema vigente. Mas sei que essa minha posição não é a regra, os agentes que atuam nessa estrutura são majoritariamente brancos. Nos vernissages, os negros são encontrados em sua maioria servindo ou limpando, mesmo quando o assunto da exposição são eles próprios. Por isso é importante não só o artista negro ocupar seu local de representatividade num momento como este, mas também que a comunidade o ocupe fisicamente, porque a presença do corpo negro nesses espaços é política.

Chegamos então em Porto Alegre, a terceira parada da mostra Pardo é Papel. Emilio Kalil, diretor da Fundação Iberê, esteve na inauguração da exposição no MAR e ficou empolgado com o show. Por isso, Frances Reynolds, junto de sua equipe do Instituto Inclusartiz, responsável pela itinerância da exposição, teve a generosa iniciativa de definir com Emilio que a próxima abertura de Pardo é Papel seria na Fundação. O Inclusartiz mais uma vez contou com o apoio do Grupo PetraGold para patrocinar esta empreitada, assim como foi no Museu de Arte do Rio.

“Pardo é Papel” é algo inspirador para todos os jovens de periferia que sonham em viver de arte. As obras de Maxwell Alexandre são cheias de representatividade de vários ícones da cultura negra no Brasil. Do início ao fim da exposição fixei meus olhos em cada detalhe. Foi a primeira vez que entrei na Fundação Iberê e, também, prestigiei uma exposição de arte de um artista negro, o que tornou a visita ainda mais inesquecível. Essa representatividade da nossa ainda está longe da ideal, mas é lindo ver artistas negros famosos e viajando o Brasil com a sua arte que serve de inspiração para milhões de jovens de periferia por todo Brasil.

Renan Nepomocena

Adorei a ida à Fundação Iberê. Nunca havia ido ao centro cultural e foi muito legal, ainda mais para conhecer a exposição de arte de Maxwell Alexandre. Foi muito importante essa oportunidade de aprender e reaprender sobre diversas questões sobre lugar de fala, de respeito e direitos de igualdade racial, de escutar as narrativas dos jovens das Empoderadas. Todos os orgulhosos e com seus sonhos sendo representados é de extrema importância.

Leonardo Gomes





A barca tem que chegar em algum lugar

A cada dia vem a resposta de que será mais um mês, e outro mês, e outro mês. E que a vacina está chegando. Isso é tudo ouvi dizer aqui do alto de Petrópolis (interior do Rio de Janeiro). Há alguns meses estamos aqui, e, cada um a seu modo, produzindo algo dentro deste sistema terrível, trágico, no qual estamos vivendo. Temos que esperar tudo isso passar. É como se fosse um dilúvio, a barca tem que chegar em algum lugar. E que chegue com um pouco mais de justiça social.

O caráter de um povo se faz pela arte

O artista nunca perde a importância numa sociedade. Sem cultura não existe um país, é só uma fronteira idiota e solta no espaço. O que faz o caráter de um povo é a sua arte, inclusive não existe saneamento básico, educação, saúde. É a sensibilização através das artes que a gente começa a ver o outro. Estamos vivendo uma hora muito baratinada, fomos jogados fora. Mas deveremos renascer. Tenho quase um século de vida e vivi momentos esplendorosos. Estamos num momento de transição, de encontrar outra linguagem. E haverá uma outra maneira da gente se fazer conhecer e se irmanar através da arte.

Esperança ativa

Não podemos sentar, temos que ser uma esperança ativa, pois jamais saberemos como resolver algo sem ir à luta. E tudo passa, essa tragédia vai passar. Quando a Segunda Guerra Mundial acabou, tínhamos uma esperança carnificada. Depois de tantas mortes e de tantos monstros, precisávamos fazer uma vida de comunhão e criatividade. Eu tive uma adolescência esplendorosa de muita crença no futuro, e ainda guardo aquela pulsação: não desistir.

Reinventar-se

A humanização está sendo revista, até instintivamente, através do botão. Estamos entrando na era da ciência e tecnologia de uma forma avassaladora, então haverá uma outra forma de comunicação, uma outra cultura dentro desse sistema. Tanto é que estamos conversando por aqui e minhas respostas saem de forma desestruturada no emocional, mas, juro a você, de grande vivência e imensa sobrevivência. O que fazer quando tudo passar? Não sei. Só sei que não vou me acalmar. Se eu ainda tiver força e raciocínio, estarei em ação.



▲ Leilão Virtual. Foto: Roberta Amaral

Um leilão para a Fundação Iberê

*Artistas, galerias, compradores
e colecionadores se unem para
arrecadar fundos*

Com o objetivo de apoiar a manutenção da Fundação Iberê e viabilizar sua programação artística, a comissão de embaixadoras da instituição promoveu, nos dias 9 e 10 de setembro, um leilão virtual. Em um esforço de organização coletivo dos conselheiros e diretores, foram arrecadados aproximadamente R\$ 850 mil.

Comandado pelo José Luiz Santayna, o evento ofereceu 132 obras de importantes artistas do cenário da arte gaúcha e brasileira, além de 14 joias, dois itens de design e uma miniatura da Louis Vuitton. A peça que atingiu o maior valor arrecadado foi de Vik Muniz, seguido por Pedro Weingärtner e Artur Lescher.

Mobilização das mulheres - Uma comissão liderada pela cônsul honorária da Holanda, Ingrid de Kroes, e as artistas Olga Velho e Cris Leal, mobilizou artistas e designers que doaram suas obras, bem como a sociedade gaúcha para o evento inédito.

OBRIGADO !

ARTISTAS

Alejandro Lloret, Alexandre Moreira, Ana Andueza, Ane Goldsztein Jewelry, Ananda Kuhn, André Lichtenberg, André Santos, André Severo, André Venzon, Andressa Cantergiani, Angela Zaffari, Antônio Augusto Bueno, Antônio Bernardo/RS, Arminda Lopes, Arnaldo de Melo, Artur Lescher, Beatriz Werebe, Bebeto Alves, Benjamim Rothstein, Berenice Unikowsky, Betinha Schultz Jewelry, Branca Dadda, Carlos Bacchi, Carlos Pasquetti, Carlos Vergara, Cartier, Celma Paese, Claudia Hamerski, Clovis Danario, Clóvis Martins Costa, Constança Brunelli, Cris Leal, Cris Rocha, Cristiano Lenhardt, Daniel Acosta, Daniel Escobar, Daniel Senise, Danúbio Gonçalves, De Conto, Dione Veiga Vieira, Dvoskin Kulkes, Eduardo Haesbaert, Elaine Tedesco, Elida Tessler, Elvira Fortuna, Erico Santos, Essere, Fábio Balen, Fabio Zimbres, Felipe Moreira Constant, Fernanda Gassen, Fernanda Valadares, Fernando Baril, Flávio Gonçalves, Gelson Radaelli, Gisela Waetge, Glória Corbetta, Gustavo Nakle, Heloisa Crocco, Henrique Fuhro, Hidalgo Adams, Inos Corradin, Iná Fantoni, Jander Rama, Jaqueline Biazus, Jorge Menna Barreto, José Alberto Nemer, Karen Axelrud, Karin Lambrecht, Kika Herrmann, Leandro Machado, Leopoldo Plentz, Lia Menna Barreto, Lya Luft, Lou Borghetti, Lucas Strey, Lucia Koch, Lucio Spier, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Eduardo Achutti, Lya Luft, Marcelo Jácome, Marepe, Maria Lidia Magliani, Maria Lucia Cattani, Marilice Corona, Marion Lunke, Mariza Carpes, Michel Zózimo, Nara Fogaça, Nara Sirotsky, Nico Rocha, Olga Velho, Pablo Ferretti, Patrícia Francisco, Paulo Amaral, Paulo Correa, Paulo Favalli, Paulo Hoffmeister Neto, Priya Joias/RS, Regina Silveira, Rochelle Costi, Sandra Rey, Sandro Ka, Santiago, Saint Clair Cemin, Sauer, Silvia Brum, Silvia Nothen de Azevedo, Sylvia Furmanovich, Teresa Poester, Theo Felizzola, Tina Felice, Tita Macedo, Ubiratã Braga, Ubiratan Fernandes, Vera Chaves Barcellos, Vera Reichert, Vik Muniz, Vitório Gheno, Walmor Corrêa, Xadalu, Yael Mer e Shay Alkalay/Louis Vuitton.

GALERIAS

Galeria Bolsa de Arte, Galeria Luisa Strina, Galeria Mamute, Museu do Trabalho, Galeria Nara Roessler, Galeria Sé e Associação Estadual dos Escultores do Rio Grandes do Sul.

COLECIONADORES

Jorge Gerdau Johannpeter, Justo Werlang, Cesar Giobbi, Frances Reynolds, Nelson Sirotsky.

COMPRADORES

Adriana Maria Antoniazzi Maffini, Adriano Bitarães Netto, Alexandre Reus Schnitzer, Alexsandro Linck, Ana Clara Cascaes Bondan, Ana Espindola, Andreia Egres Severo, Angela Hunsche, Anik Suzuki, Arnaldo Rizzardo Fº, Beatriz Bier Johannpeter, Beatriz Elbling, Carlos Biedermann, Carlos Eugenio Santiago Escovar, Carmem Dirani, Celso Kiperman, Cesar Cavalheiro Leite, Claudia Wolf Ling, Cristiana Ioschpe, Cristiane Martins da Silveira Souto, Cris Leal, Denise Rosane Lacerda Schitz, Eduardo Flores Kunde, Eduardo Goldsztein, Eduardo Kowarick Halperin, Eduarda Persch, Frances Reynolds, Giovana Ribeiro Toffanello, Glauca Stifelman, Greice Merlin Boff, Helena Brochmann, Henrique de Oliveira Ferrari, Ingrid de Króes, Jorge Gerdau Johannpeter, Jose Vicente Saldanha, Julio Moretti Gross, Karla Johannpeter, Luciane Bondan Shorr, Luiz Eduardo de Castilho Giroto, Marcello Lacerda Castilhos, Marcio Carvalho, Marta Saint Pastous Madureira, Mary Terezinha Bergamaschi, Marina Sirotsky, Mathias Kisslinger Rodrigues, Mauro Sahade Darze, Nara Fogaça Nunes, Nelson Sirotsky, Nora Teixeira, Olga Velho, Patrick Lucchese, Paulo Sartori, Rafael Rama e Silva, Roberto Campos Marinho Filho, Rodrigo Blauth Klipel, Rosa Ling, Sandra Echeverria, Silvana Zanon, Silvio Cabral Lena Souto, Sophie Isdra, Thiago Linto Lima, Tiago Suné Coelho Silva, Valter Duro Garcia.

APOIADORES

Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Santayana Leilões e NIRIN Branding.

Nome da Obra, ano
técnica
acervo ▶



Um espaço de conhecimento das artes

Mesmo de portas fechadas e diante de tantas incertezas, a Fundação Iberê nunca deixou realizar. Reabriu ao público com uma novidade: uma sala de leitura aconchegante e diversificada, localizada no átrio, ao lado da Loja Iberê.

O espaço é composto por mais de 2.081 livros sobre artes, adquiridos por meio de doações e aquisições ao longo dos 25 anos da instituição. Alguns exemplares também estão disponíveis para aquisição na loja.

Em prateleiras que abraçam o visitante e contornam a sala, os títulos foram organizados para que o visitante tenha um panorama de arte e patrimônio brasileiro e internacional. Contemplam desde artistas e coletivos, exposições de arte, livros de instituições e coleções, bienais e feiras de arte, arquitetura, fotografia, dança, teatro, patrimônio e território, teoria e história da arte, arte educação. Também há um espaço especial de literatura infantil de obras premiadas, feitas a partir de uma curadoria detalhada do Programa Educativo.

A sala de leitura funciona de sexta a domingo e feriados, das 14h às 19h. O agendamento deve ser feito pelo site do Sympla.

Arte em casa

As lojas de museus e centros culturais são tão importantes quanto às exposições em cartaz. Elas são uma parte valiosa da experiência: carregam as coleções da instituição e amplificam sua visibilidade no mundo além dos prédios históricos que habitam.

É lá que os visitantes circulam calmamente em busca de uma lembrança que irá transformar sua experiência em memória ou para presentear alguém com um repertório.

Em setembro passado, a Fundação Iberê reabriu sua loja de cara nova. Além dos produtos com marca própria – camisetas, copos sustentáveis, xícaras, bags, materiais de papelaria, catálogos – e gravuras de artistas que passaram pelo Ateliê de Gravura, o público pode vislumbrar peças de design de artistas brasileiros.

Artistas plásticos e visuais: Guinr (RS), Heloisa Crocco (RS) e PedroLuiss (RJ)

Ceramistas: Com Design Cerâmico (RS), Lavanda (RS) e Rosalva Siqueira (PE)

Designer: Graziela Dias (RS), Lucas Recchia (SP) e Osklen (RJ)

Jóias: 13 Joules (SP), Nart Studio (SP) e Usejóias (RS)

Kokedamas: Vicky Fernandez

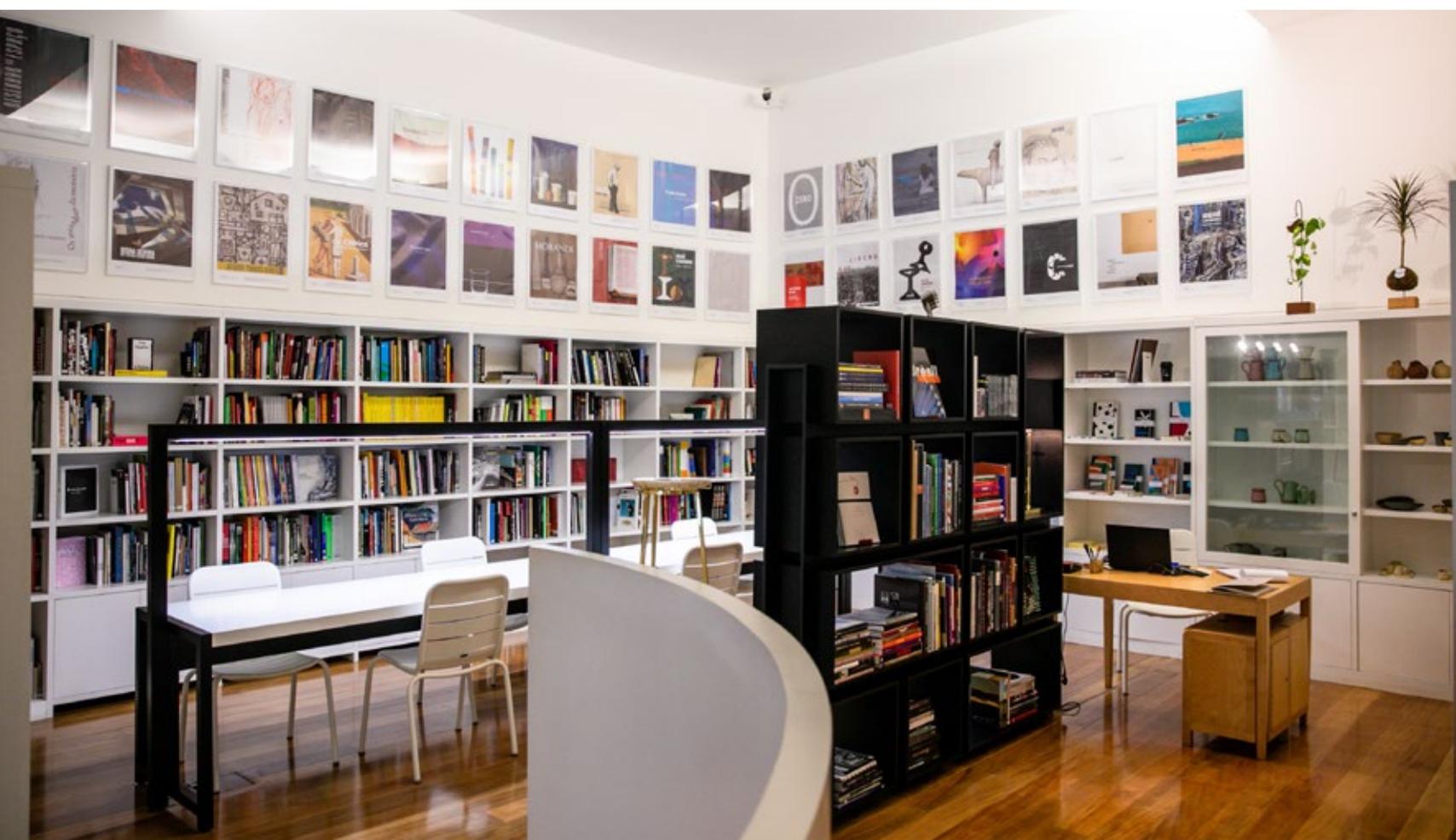
Papelaria: SchizziBooks (SP)

Horário de funcionamento:

Sexta a domingo e feriados, das 14h às 19h

Contato para vendas online: 51 3249 8021

Instagram: @lojaibere





ESTAMOS ABERTOS
SEGUINDO TODOS OS PROTOCOLOS DE DISTANCIAMENTO



A Fundação Iberê funciona de **sexta a domingo, das 14h às 18h**. As visitas às exposições em cartaz devem ser agendadas pelo site do Sympla, no link <https://bileto.sympla.com.br/event/66447/d/8876> ou apontando o celular pro QR code ao lado.



VISITAÇÃO

de sexta a domingo
das 14h às 18h
último acesso às 18h

As visitas às exposições em cartaz devem ser agendadas pelo site do Sympla, no link <https://bileto.sympla.com.br/event/66447/d/8876> ou apontando o celular pro QR code



Visita mediada individual: **R\$ 20,00**
Visita mediada dupla: **R\$ 30,00**
Visita mediada em dupla + catálogo: **R\$ 40,00**
Visita mediada em dupla + catálogo + estacionamento: **R\$ 70,00**

Na primeira quinta-feira de cada mês, a visitação é gratuita com agendamento pelo Sympla.

COMO CHEGAR

A Fundação Iberê dispõe de estacionamento pago, operado pela Safe Park. As linhas regulares de lotação que vão até a Zona Sul de Porto Alegre param em frente ao prédio, assim como as linhas de ônibus Serraria 179 e Serraria 179.5. É possível tomá-las a partir do centro da cidade ou em frente ao shopping Praia de Belas. O retorno pode ser feito a partir do Barra Shopping Sul, por onde passam diversas linhas de ônibus com destino a outros pontos da cidade.

Pedestres e Ciclistas

existe uma passagem para que pedestres e ciclistas possam atravessar a via em segurança. A passarela é acessada pelo portão de entrada do estacionamento. A Fundação também dispõe de um bicicletário, localizado em frente ao prédio.

Fundação Iberê

Avenida Padre Cacique, 2000, Porto Alegre/RS
Fone +55 (51) 3247 8000 - www.iberecamargo.org.br



Fundação Iberê



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. EM 2020, AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS.



GRUPO **GPS**



IBERÊ NAS ESCOLAS | PORTO ALEGRE



PROGRAMA EDUCATIVO



APOIO



REALIZAÇÃO



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2020

benemérito

JORGE GERDAU JOHANNPETER

platinum

EDUARDO WANDERLEY & SIMONE CADINELLI

diamante

NELSON SIROTSKY | OLGA VELHO

ouro

ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | ARTHUR HERTZ

BEATRIZ BIER JOHANNPETER | BETH LOGEMANN | CECILIA SCHIAVON

CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTENS | FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN

HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JAYME SIROTSKY | JUSTO WERLANG

LIVIA BORTONCELLO | PATRICE GAIDZINSKI | PATRICK LUCCHESI

RENATO MALCON | RICARDO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SANDRA ECHEVERRIA

SERGIO D'AGOSTIN | SILVANA ZANON | THOMAS ELBLING

WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

Faça parte: clube@iberecamargo.org.br